

Resenhas



A ESTRUTURA DO PENSAMENTO DE KUHN

KUHN, Thomas S. *O caminho desde a estrutura: ensaios filosóficos, 1970-1993*, com uma entrevista autobiográfica. Tradução de Cesar Mortari. São Paulo: Editora Unesp, 2006. 408 p.

Raimundo Agnelo Soares Pessoa*
tupinick@yahoo.com.br

Thomas S. Kuhn ficou mundialmente conhecido graças ao sucesso de *A estrutura das revoluções científicas*, publicado em 1962. A obra foi traduzida em pelo menos 25 línguas; somente em língua inglesa, superou a marca de 1 milhão de exemplares vendidos. A forma singular de sua exposição explicativa de como as ciências, em especial a física, evoluem, recebeu elogios e críticas.

Parte do resultado do debate acerca de *A estrutura das revoluções científicas* foi publicada recentemente no Brasil com o título de *O caminho desde a estrutura*. Esse livro póstumo de Thomas S. Kuhn reúne onze ensaios e tem como propósito reavaliar e aprofundar algumas das teses e conceitos apresentados na obra de 1962. Além dos onze ensaios, *O caminho* contém ainda uma entrevista autobiográfica do autor concedida a três professores de história e filosofia da ciência da Universidade de Atenas, em 1995.

Quem já conhece a obra de Kuhn terá a oportunidade de aprofundar e melhor compreender conceitos ou teses abordados em *A estrutura*. Aqueles, porém, que não têm familiaridade com esse autor poderão conhecê-lo. Seria de bom senso, entretanto, ler primeiramente *A estrutura das revoluções científicas*, uma vez que a discussão apresentada em *O caminho*, com exceção da terceira parte, tem como pano de fundo as questões suscitadas na obra anterior. No Brasil, esse livro foi publicado pela Editora *Perspectiva*, em 1976.

Thomas Samuel Kuhn (1922-1996), físico norte-americano formado pela Universidade Harvard, foi professor de história da ciência e filosofia, razão pela qual sua obra reflete uma aproximação com o ensino dessas disciplinas.

* Doutorando em História pela Unesp, Campus de Franca.

O caminho está dividido em três partes. A primeira delas traz cinco ensaios escritos nas décadas de 1980 e 1990, em que se depuram alguns conceitos fundamentais elaborados em *A estrutura*. A segunda parte reúne réplicas às críticas recebidas de filósofos e intelectuais como Richard Boyd, Carl G. Hempel e Charles Taylor. Na terceira parte se encontra a entrevista concedida por Kuhn, em Atenas, em 1995, na qual relata sua infância, sua família, sua educação e, sobretudo, o seu desenvolvimento intelectual.

Se *O caminho* é uma reavaliação de questões analisadas em *A estrutura*, do que, afinal, se trata essa obra? Cabe reconhecer que, com *A estrutura das revoluções científicas*, Thomas Kuhn conseguiu conferir um novo significado às questões ligadas à filosofia da ciência e à história da ciência. Até a publicação dessa obra havia no cenário da filosofia da ciência, sobretudo no mundo anglo-saxão, a predominância do positivismo lógico, do Círculo de Viena (1920-1950), e do racionalismo crítico do filósofo austríaco Karl Popper. Essas duas correntes de análise do conhecimento atribuíram o sucesso da ciência à existência de um método científico universal e não-histórico. E nesse momento aparece a filosofia de Kuhn, que fez uso da história para explicar como a ciência evolui, ou, usando suas palavras, para elucidar como ocorrem as mudanças de paradigmas. O conceito de paradigma tem uma importância especial na obra de Kuhn, é por meio dele que se determina a cientificidade de uma área de investigação num dado momento histórico.

Em linhas esquemáticas, o pensamento de Kuhn está estruturado da seguinte forma: numa primeira fase, mais de um paradigma concorre para tornar-se hegemônico. Esse momento é chamado de crise do paradigma. Da crise paradigmática surge uma teoria que melhor explica o problema proposto.

O termo “paradigma” é bastante elástico e de difícil conceituação em poucas palavras, uma vez que encerra em si aspectos de procedimentos metodológicos, teóricos e filosóficos de investigação. Com o paradigma, a comunidade científica passa a dispor dos fundamentos para o desenvolvimento de suas atividades. O conjunto de pesquisas firmemente ajustadas nas teorias, métodos e exemplos de um paradigma é classificado por Kuhn de ciência normal.

Durante o momento de vigência da ciência normal, o paradigma – pelo menos, em tese – deve prever todos os quebra-cabeças e soluções possíveis ao fazer científico. Mas é justamente, por estarem previstas todas as soluções, que começam surgir os “problemas”. A partir de certa altura da prática da ciência normal, de resultados de pesquisas, iniciam-se as

dúvidas ou os descréditos ao modelo, isto é, a crise do paradigma. Nesse momento, cientistas mais ousados propõem novos modelos de compreensões dos fenômenos, uma vez que o paradigma até então vigente é incapaz de dar mais respostas. Com a crise, um novo paradigma torna-se hegemônico, e Kuhn considera esse momento revolucionário – é a revolução científica.

Ao incluir o aspecto histórico no seu modelo explicativo, Kuhn salientou duas certezas das ciências, em especial das não-humanas – se é que existe ciência não-humana, conforme a concepção do próprio Kuhn. Essas duas certezas são a impossibilidade de imparcialidade e o tabu da não-historicidade no fazer científico. Sabe-se que a imparcialidade e o caráter não-histórico da atividade científica, por muito tempo, foram os dois pilares inabaláveis para o fazer das ciências mais científicas. Desse modo, Kuhn humanizou a arte de se fazer ciência. Mas, convém não iludir, essa “humanização” significa dizer que, às vezes, fatores alheios ao fazer científico influenciam, decisivamente, os resultados científicos, ou seja, o fazer científico não se caracteriza, como até então se imaginava, uma atividade neutra das outras facetas da existência humana. Desse modo, Kuhn, ao historiar a ciência, esclarece algo que, para nós das humanidades, parece óbvio, mas não o é: qualquer atividade vinda das faculdades ou das forças do homem encerra em si todas as dinâmicas da própria existência humana.